

## As construções existenciais com *ter* e *haver*: o que tem na fala e o que há na escrita

The existential constructions with *ter* and *haver*: what there is in the speech and what there is in the writing

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória\*

**RESUMO:** Neste estudo, focalizamos a variação dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais em dados de fala culta e escrita acadêmica, com o intuito de observar como essas variantes se comportam nessas modalidades de uso da língua. Para descrição e análise dos dados, baseamo-nos na proposta de Tarallo e Kato (1989), associada a estudos linguísticos sobre as construções existenciais no português brasileiro (AVELAR; CALLOU, 2007; AVELAR, 2006a, b). Os resultados mostram que, na língua falada, *ter* é o verbo existencial canônico, mas, na língua escrita, *haver* é o existencial selecionado. Também verificamos que a preferência pelo uso de *ter* tende a favorecer o uso de construções existenciais com *ter pessoal* tanto na língua falada quanto na língua escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** construções existenciais; língua falada; língua escrita.

**ABSTRACT:** In this study, we focus on the variation of the verbs *ter* and *haver* in existential constructions in data of cultured speech and academic writing, in order to observe how these variants behave in these modalities of language use. For description and analysis of data, we assume the proposal due to Tarallo and Kato (1989), associated with linguistics studies about existential constructions in Brazilian Portuguese (AVELAR; CALLOU, 2007; AVELAR, 2006a, b). The results show that, in spoken language, *ter* is the canonical existential verb, but in written language, *haver* is the existential verb selected. We also found that the preference for *ter* tends to favor the use of existential constructions with *ter pessoal* both in the spoken language and in the written language.

**KEYWORDS:** existential constructions; spoken language; written language.

### 1. Introdução

Muitos têm sido os trabalhos que vêm descrevendo que, no português brasileiro, *ter* é o verbo existencial canônico (CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2000; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2011, 2012a). Esses estudos mostram que, apesar do alto percentual de uso de *ter* na língua falada, há fatores que ainda favorecem o uso de *haver*, a saber, argumento interno com traço [+ abstrato], verbo no tempo passado, falantes mais velhos e mais escolarizados.

Na língua escrita, devido à pressão normativa a que tende essa modalidade de uso da língua, *haver* é o verbo existencial canônico. No entanto, estudos de Callou e Duarte (2005),

---

\* Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e pesquisadora de Pós-Doutorado Júnior – CNPq da Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Avelar (2006b) e Vitório (2012b) já mostram a implementação de *ter* na escrita padrão. Na escrita escolar, por sua vez, verificamos, conforme Vitório (2010), que é o verbo *ter* que predomina – 64% *versus* 36% de *haver*, mas, com o aumento do nível de escolarização dos alunos, há um aumento no percentual de uso de *haver*.

Neste estudo, apresentamos uma análise comparativa das realizações dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na fala culta e na escrita acadêmica, com o intuito não só de observar como esses verbos se comportam nessas duas modalidades de uso da língua, mas também buscar evidências da implementação, na escrita, de mudanças observadas na fala e, ao mesmo tempo, refletir sobre a forma como a língua escrita tende a recuperar formas que já não fazem parte dos dados a que a criança está exposta durante a aquisição da linguagem.

Por outro lado, também apresentamos uma breve descrição, tanto na fala quanto na escrita, das construções existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*, ou seja, de sentenças que apresentam DPs pronominais ocupando a posição estrutural de sujeito, igualmente não interpretadas como possessivas, mas como um tipo específico de construções existenciais, uma decorrência, segundo Duarte (2003) e Avelar e Callou (2011), das mudanças relativas à posição de sujeito e sua representação por que vem passando o português brasileiro.

Para descrição e análise dos dados, seguimos a proposta de Tarallo e Kato (1989), associada a estudos linguísticos recentes sobre as construções existenciais no português brasileiro (AVELAR, 2006a; AVELAR; CALLOU, 2007), que nos permitem explicar que a implementação de *ter* em construções existenciais tem relação com a remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro, ocasionando, assim, uma mudança no estatuto categorial de *haver*, que teria passado de verbo existencial funcional a verbo existencial substantivo, como é o caso de *existir*, passando *ter* a ser o existencial canônico, e, dessa forma, favorecendo a implementação de construções existenciais com *ter pessoal*.

Também consideramos as propostas de Kato (2005) e Avelar (2006b), que argumentam que, no português brasileiro, há um descompasso entre a gramática adquirida durante o processo natural de aquisição da linguagem e a gramática que orienta o ensino formal, gerando, assim, uma enorme distância entre a gramática da fala e a “gramática” da escrita, e que *haver existencial* seria uma forma gramatical aprendida mais tardiamente, não fazendo parte da gramática internalizada dos falantes do português brasileiro. Logo, a variação *ter* e *haver* em construções existenciais seria reflexo da competição entre duas gramáticas.

Este trabalho está assim organizado: na próxima seção, apresentamos os estudos que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa; na seção 2, caracterizamos os dados analisados e as amostras utilizadas neste estudo; e, na seção 3, apresentamos a descrição e análise dos dados, mostrando, primeiramente, os resultados da variável dependente, em seguida, os grupos de fatores estatisticamente significativos nesta variação e, por fim, os dados sobre as construções existenciais com *ter pessoal*.

## 2. As construções existenciais no português brasileiro

Estudos linguísticos mostram que o português brasileiro está em processo de mudança no tocante ao feixe de propriedades relacionadas ao Parâmetro do Sujeito Nulo, apresentando comportamentos mais alinhados com as línguas de sujeito não nulo. Dessa forma, além do alto percentual do preenchimento do sujeito de referência definida (DUARTE, 1993, 1995, 2007, 2012), os sujeitos de referência arbitrária também começam a ser realizados foneticamente, apresentando formas de indeterminação alternativas às prescritas pela tradição gramatical (CAVALCANTE, 1999; DUARTE, 2007, 2008; RUMEU, 2011).

Entre os efeitos “colaterais” da mudança na marcação paramétrica também podemos citar a perda da “inversão livre” em sentenças apresentativas, havendo uma preferência pela ordem SVO (COELHO, 2000) e a tendência a preencher a posição pré-verbal em construções com verbos inacusativos e verbos impessoais (entre os quais verbos “climáticos”, de “alçamento” e “existenciais”) o que contribui para preservar a ordem XVDP (SPANO, 2002; DUARTE, 2007; BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009). No caso dos verbos existenciais, temos o uso de *ter pessoal* sem que haja a atribuição de uma semântica possessiva à sentença (DUARTE, 2003; AVELAR, 2009; AVELAR; CALLOU, 2011).

A realização de construções existenciais formadas com o verbo *ter* que apresentam DPs plenos na posição estrutural de sujeito decorre do fato de que, no português brasileiro, há uma preferência pelas sentenças com *ter* sobre *haver* e *existir*, uma preferência que, segundo Avelar e Callou (2007), é mais uma evidência do “encaixamento” da mudança que parece operar no sistema, ou seja, a remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, no português brasileiro, permitiu que *ter* tomasse o lugar de *haver* nas construções existenciais que, por sua vez, tem permitido a emergência de sentenças existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*.

Para explicar a implementação de *ter* possessivo em contextos existenciais, Avelar e Callou (2007), usando uma abordagem não lexicalista (HALLEY; NOYER, 2003) da Teoria de

Princípios e Parâmetros em sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995), argumentam que as construções possessivas, copulativas e existenciais apresentam uma mesma estrutura de base e que a roupagem lexical dessas estruturas ocorreria após o processamento sintático, caso que não ocorre com outros verbos existenciais, como é o caso de *existir*, que participaria do processo sintático desde o início da derivação, levando-o, assim, a uma frequência de uso razoavelmente constante e baixa no português brasileiro.

Segundo os autores, a entrada do verbo *ter* em contextos existenciais, que ocorreu em algum momento do século XIX, teve início entre os chamados “contextos opacos”, ou seja, em construções interpretadas como existenciais pelos falantes do português brasileiro contemporâneo, mas que, na verdade, consistem em verdadeiras construções possessivas, conforme podemos observar na construção (1).

(1) ...e asim diserão elles doadores que tinhão e em caza tres crianças emgeitadas que elles criarão Manoel Jozeph Pascoal os quais emcomendão **aos Religiozos** seos herdeiros os tenhão debaixo de sua propeção e os dotrinem como filhos juntamente com **os mamalucos forros que em sua caza tem**, em fé do qual assim o outrogarão,... – 1632

(*apud* AVELAR; CALLOU, 2007, p. 385)

Para um falante do português europeu contemporâneo, essa construção seria interpretada como possessiva, sendo possível indicar um sujeito para *ter* – *os Religiozos*, mas para um falante do português brasileiro contemporâneo, a interpretação preferencial e talvez a única seria existencial. O mesmo “equivoco” pode ocorrer quando um falante do português brasileiro contemporâneo se defronta com uma construção do tipo (2) pronunciada por um falante do português europeu contemporâneo, em que a sentença **tinha uns bancos de madeira** pode ter como sujeito nulo correferente **uma tasca** ou **aquela tasca**.

(2) e depois fomos para **UMA TASCA**, meu, que era espectacular. então é **AQUELA TASCA** que eu já te contei, que era: tipo u[...], uma garagenzinha, estás a ver, e **tinha uns bancos de madeira**, tipo, umas tábuas de madeira em cima de tijolos (Década de 90 / Faixa Etária 1 – Culto)

(*apud* AVELAR; CALLOU, 2007, p. 385)

Tendo em vista esses dados, Avelar e Callou (2007) argumentam que tal “equivoco” está relacionado às restrições ao sujeito nulo. Com a redução do paradigma flexional no português brasileiro, o sistema perde a categoria *pro-referencial*, o que impossibilita ao falante atribuir

uma interpretação possessiva ao sujeito nulo das sentenças formadas com *ter* pessoal, havendo, assim, uma reanálise das construções possessivas em construções existenciais, uma vez que estas dispensam a instanciação de um sujeito pleno e, em seguida, a perda de *pro-expletivo* contribui para a supressão de *haver* no sistema linguístico.

Para reforçar a proposta de Avelar e Callou (2007), Marins (2013) mostra, em comparação com os dados de Duarte (1993, 1995), que à medida que os sujeitos pronominais de referência definida aparecem cada vez mais expressos, sobem também os percentuais de uso de *ter* em construções existenciais, ou seja, as construções existenciais com *ter* aumentam juntamente com as construções com sujeitos referenciais definidos plenos, enquanto as construções com *haver* diminuem na mesma medida que as sentenças com sujeito nulo.

Segundo Avelar (2006a), a baixa frequência de *haver* e as restrições ao seu uso em alguns contextos existenciais, como *Teve/??Houve muitos docinhos na festa que a Maria deu*, são resultados do fato desse verbo ter deixado de compor o acervo de itens funcionais e migrado sua matriz para o acervo de itens substantivos, residindo ao lado de itens como *existir*, *acontecer* e *ocorrer*, o que o estaria levando a alguma forma de especialização semântica que abarca a integralidade das construções existenciais, caso que não ocorre com *ter*, que é um verbo semanticamente neutro, não sendo, assim, mais possível, no português brasileiro, falar em variação *ter* e *haver* como competição entre duas formas funcionais.

A variação *ter* e *haver* em construções existenciais no português brasileiro seria, de acordo com Avelar (2006b), “desencadeada pela ‘alimentação’ da **gramática periférica** no processo de escolarização (em oposição à **gramática nuclear**, construída no processo natural de aquisição da linguagem [...])” (p. 101), não havendo, na gramática internalizada dos falantes, tal variação, com o verbo *ter* ocupando o posto de existencial canônico.

[...] existem, de um lado, construções existenciais canônicas, construídas com o verbo *ter*, de outro lado, aparecem construções existenciais mais gerais, de uso normalmente apresentacional, com verbos como *haver*, *aparecer*, *acontecer*, *surgir*, etc. Assim, não estamos diante de uma variação a ser capturada como um fato de gramática interna do falante, a sua gramática nuclear, mas simplesmente de um padrão frásico do português contemporâneo que elege como a sua forma verbal prototípica o verbo *ter*. No âmbito da gramática naturalmente internalizada, portanto, não existe variação entre dois verbos existenciais no português brasileiro, mas entre um padrão canônico de gerar uma sentença existencial, para qual se recorre a um verbo funcional, e outros padrões diferenciados, com valores semântico-pragmáticos diversos que se valem de verbos não-funcionais. (AVELAR, 2006b, p. 116).

O alto percentual de uso de *haver*, na escrita, se justificaria não por ser “um reflexo de procedimentos internos à gramática nuclear, mas do provimento da gramática periférica por elementos de prestígio na língua escrita” (AVELAR, 2006b, p.118), com a escolarização exercendo um papel fundamental na manutenção/recuperação de *haver*, tendo em vista que um dos objetivos do ensino de língua portuguesa na escola é ensinar as normas da escrita mais padronizada, procurando “recuperar as perdas linguísticas, uma vez que as inovações são apropriadas para a fala, mas não para a escrita” (KATO, 2005, p. 136). *Haver* seria um verbo existencial funcional da escrita, ainda que não rechace por completo o uso de *ter existencial*.

### 3. Caracterização dos dados

O que propomos é uma análise comparativa das realizações das construções existenciais formadas com os verbos *ter* e *haver*, como observamos em (3) e (4), em dados de fala culta e escrita acadêmica, com o intuito não só de observar como esses verbos se comportam nessas modalidades de uso da língua, mas também buscar evidências da implementação, na escrita, de mudanças observadas na fala e, ao mesmo tempo, refletir sobre a forma como a escrita tende a recuperar formas ausentes do processo natural de aquisição da linguagem.

(3) *Tem* praias belíssimas em Alagoas.

(4) *Há* praias belíssimas em Alagoas.

Não incluímos na análise quantitativa dos dados, mas contabilizamos separadamente as sentenças formadas com *ter pessoal*, ou seja, construções que apresentam DPs pronominais na posição estrutural de sujeito, mas que não apresentam uma semântica possessiva, sendo esses DPs nulo ou pleno, como observamos em (5) e (6), com o objetivo de verificar se a preferência por *ter* em construções existenciais favorece a realização dessas sentenças.

(5) *Temos* praias belíssimas em Alagoas.

(6) **Nós** *temos* praias belíssimas em Alagoas.

Para a análise da língua falada, utilizamos uma amostra sincrônica da fala culta de 24 informantes alagoanos, servindo o adjetivo “culto” apenas para marcar a fala de indivíduos com curso superior completo. Nossa amostra foi coletada no período de fevereiro a julho de 2010 e

está estratificada de acordo com as variáveis faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e sexo – masculino e feminino (Cf. VITÓRIO, 2012a).

Em relação à escrita acadêmica, utilizamos uma amostra sincrônica composta de 10 dissertações/teses, pertencentes às áreas de humanas, saúde e exatas, que foram defendidas na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), durante o período de 2005 a 2010. Esses trabalhos estão disponíveis no banco de dados de teses e dissertações da UFAL e, para nosso estudo, foram estratificados de acordo com a variável sexo – masculino e feminino.

Utilizamos, para o processamento quantitativo dos dados, o programa computacional GOLDVARB X e controlamos os seguintes grupos de fatores, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e sexo.

#### 4. Descrição e análise dos dados

##### 4.1 Variável dependente

Na língua falada, computamos 255 construções existenciais, das quais 223 exibiam o verbo *ter* e 32 o verbo *haver*. Na língua escrita, analisamos 319 construções existenciais, das quais 21 exibiam o verbo *ter* e 298 o verbo *haver*. O gráfico 1 abaixo ilustra os percentuais obtidos para cada forma verbal analisada tanto na língua falada quanto na língua escrita.

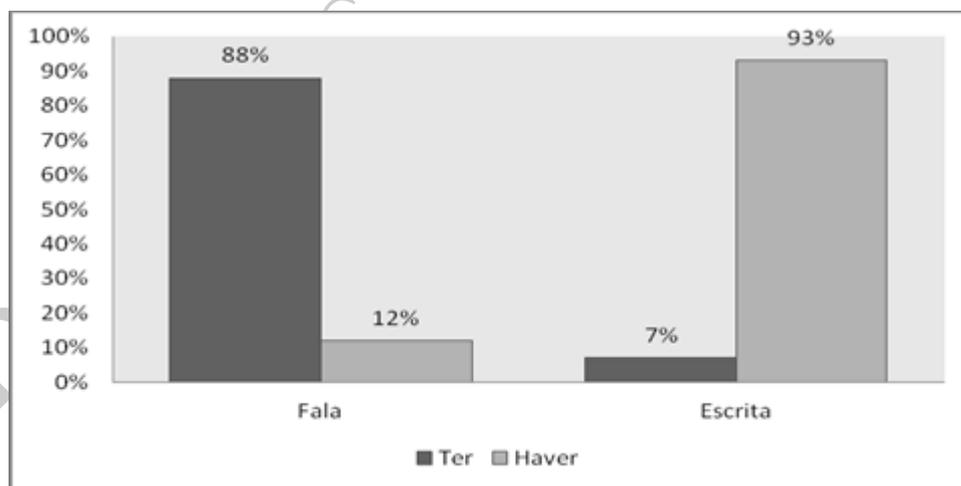


Gráfico 1. Percentuais de *ter* e *haver* na fala e na escrita.

Esses resultados mostram, em consonância com o que esperávamos, que as frequências de *ter* e *haver* são diametralmente opostas na fala e na escrita. Na fala, *ter* é realizado em 88%, mas não passa de 7% na escrita, enquanto *haver*, na escrita, apresenta um percentual de 93%,

mas atinge apenas um índice 12% na fala, indicando que, em termos de frequência de uso, *ter* é o verbo existencial preferido na fala culta alagoana, mas, na escrita acadêmica, *haver* é o verbo existencial selecionado. De modo geral, esses dados revelam que, na escrita acadêmica, há uma recuperação, de maneira bastante expressiva, de uma variante praticamente ausente da fala e uma implementação, embora sutil, do verbo *ter existencial*.

Os 7% de uso de *ter* na escrita representam 21 construções, das quais 17 ocorreram em contextos de transcrições de língua falada, como observamos em (7) e (8), e apenas 4 realizações representam, de fato, o uso de *ter* na escrita acadêmica, como observamos em (9) e (10). Esses dados mostram que, apesar de *ter*, na fala, ser o verbo existencial canônico, na escrita, devido à pressão normativa, há restrições ao seu uso, sendo produzido, em maior escala, em contextos que procuram representar a língua falada, corroborando, assim, os dados de Avelar (2006b) e Vitória (2012b), que mostram que é a necessidade de inserir marcas da língua oral o principal objetivo que condiciona o uso de *ter* na escrita padrão.

(7) Olha, meu filho, quando eu vou pro médico, eu vou pra Arapiraca, lá nós chega mais fácil e *tem* mais médico pra atender a gente. (1PGM)

(8) Mas não é porque eu trabalho com adolescentes que eu vou deixar os adultos se perder, certo? Então sempre *tem* algo, algo para fazer a gente fazer. (5PGF)

(9) Para melhor compreensão dessa questão veja-se, por exemplo, o negro no Brasil. *Teve* variantes que não levaram em conta a estrutura do capitalismo, e o movimento tinha por cerne a problemática da chamada negritude. (2PGM)

(10) A luta das pessoas com deficiência por direitos é legítima, mas *tem* resultados focalizados, fragmentados e individuais, portanto a luta não pode e não deve ser somente desse segmento, mas da sociedade de um modo geral [...]. (4PGF)

O que constatamos é que o indivíduo letrado elege *ter* para a expressão de existência na fala, mas, ao escrever, utiliza *haver*, que é usado esporadicamente na língua falada, mostrando que é notória a distância que separa fala e escrita. Na língua escrita, a pressão normativa em favor de *haver* coloca esse verbo como primeira opção, recuperando com êxito uma variante tão distante da fala, o que nos leva à discussão proposta por Kato (2005) de que a língua escrita tende a recuperar quantitativamente formas linguísticas que já não fazem parte dos dados a que a criança está exposta durante o processo natural de aquisição da linguagem.

O alto percentual de *ter* e a quase não realização de *haver* na língua falada tendem a confirmar a hipótese de Avelar (2006a) de que, no português brasileiro, *haver* teria deixado de compor o acervo de itens funcionais e passado a verbo existencial substantivo, residindo ao lado de itens lexicais/substantivos de função apresentacional, como é o caso dos verbos *ocorrer*,

*acontecer* e *existir*, etc. No entanto, na língua escrita, *haver* ainda se comporta como um verbo existencial funcional, tendo em vista que, nessa modalidade de uso da língua, “ainda se valoriza um padrão no qual as existenciais sejam construídas da mesma forma que no português europeu” (AVELAR, 2006a, p. 72).

#### 4.2 Variáveis independentes estatisticamente significativas

Estudos linguísticos apontam que a variação *ter* e *haver* em construções existenciais é frequentemente condicionada pelos grupos de fatores tempo verbal, especificidade semântica do argumento, escolaridade e faixa etária, mostrando, de maneira sistemática, não só que o uso de *haver* é fortemente favorecido pelo verbo no tempo passado e pelo argumento interno com traço [+ abstrato], como também que quanto maior a escolaridade e a faixa etária dos falantes maior o uso de *haver*, embora o uso de *ter* seja sempre superior na língua falada.

Em nosso estudo, consideramos, na análise da língua falada, as variáveis tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e sexo, e, na análise da língua escrita, os grupos de fatores tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno e sexo. De acordo com as rodadas dos dados, apenas as variáveis tempo verbal e faixa etária foram estatisticamente significativas, conforme podemos observar na tabela 1.

Tabela 1. Variáveis estatisticamente significativas na variação *ter* e *haver*.

LÍNGUA FALADA	LÍNGUA ESCRITA
Tempo verbal Faixa etária	Tempo verbal

##### 4.2.1 Tempo verbal

Na análise da variável tempo verbal, obtivemos, de acordo com a tabela 2 e os gráficos 2 e 3, os seguintes resultados:

Tabela 2. Realizações de *ter* e *haver* na variável tempo verbal.

	LÍNGUA FALADA				
	Presente	Perfeito	Imperfeito	Outros	Total
Ter	178 / 80%	13 / 6%	21 / 9%	11 / 5%	223
Haver	14 / 44%	9 / 28%	5 / 16%	4 / 12%	32
	LÍNGUA ESCRITA				
	Presente	Perfeito	Imperfeito	Outros	Total
Ter	14 / 67%	2 / 9%	4 / 19%	1 / 5%	21
Haver	180 / 60%	37 / 13%	14 / 5%	67 / 22%	298

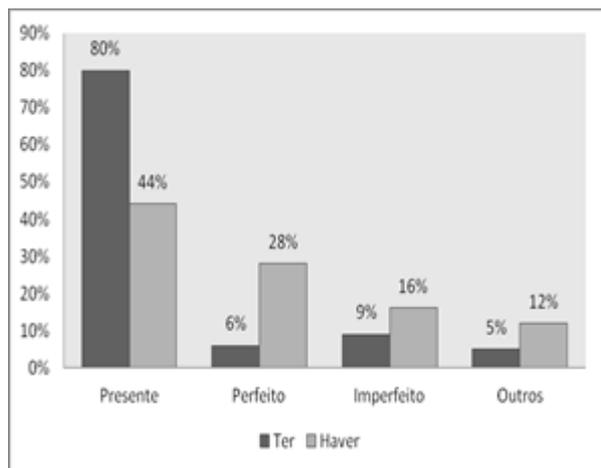


Gráfico 2. Língua falada versus tempo verbal.

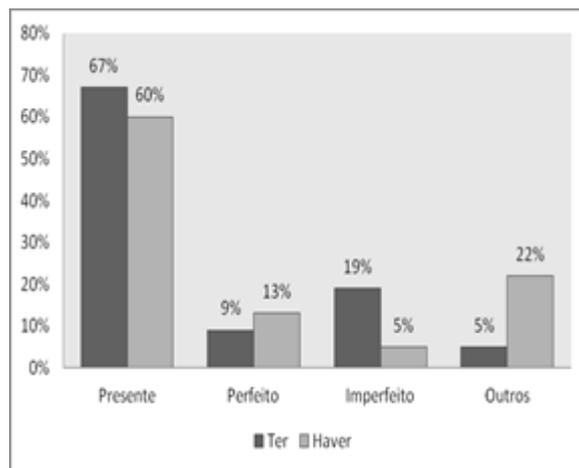


Gráfico 3. Língua escrita versus tempo verbal.

Esses dados mostram que fala e escrita tendem a apresentar certa regularidade no uso dessas construções e que o presente é o tempo verbal que concentra o maior número de realizações tanto na fala quanto na escrita. Também observamos que enquanto *ter*, na língua falada, apresenta um percentual de 80% no presente, *haver*, apesar da baixa ocorrência, apresenta um índice de 44%, aumentando, assim, sua frequência de uso no pretérito perfeito – 28% e pretérito imperfeito – 16%, como observamos em (11) e (12).

(11) *houve* uns dois crimes aí que chocaram um pouco (L31L1416)

(12) eu fazia hidroginástica e comecei a sentir um mal estarzinho aí – sim – como já *havia* o histórico da família porque a minha mãe já tinha feito aí os médico acharam melhor investigar né? (L54L2045)

Ao considerarmos, na análise da língua falada, o conjunto de realizações de *haver* no tempo passado, obtivemos um percentual de 44%, o que indica que esse tempo verbal, diferentemente do que ocorre no tempo presente, tende a ser mais favorável ao uso de *haver* em construções existenciais, conforme pontuam os estudos linguísticos (Cf. CALLOU; AVELAR, 2000; VITÓRIO, 2012a). Outro ponto a destacar é que, na língua escrita, as poucas realizações de *ter* são realizadas no tempo presente, corroborando, assim, os dados obtidos na fala, tendo em vista que, na escrita acadêmica, a maioria das realizações de *ter* ocorre em contextos de representação da língua falada, como observamos em (13) e (14).

(13) Eu acho que num trabalho de evangelizar, sempre *tem* algo a fazer, nunca a gente está assim realizado. (5PGF)

(14) Aí *tem* aquela dívida que o pessoal fez e que não estão conseguindo fazer o pagamento, enquanto o INCRA, os órgãos competentes não resolver esse problema a gente não vamos poder fazer nada. (1PGM)

#### 4.2.2 Faixa etária

Para a análise da variável faixa etária, consideramos os fatores F1(15-29 anos), F2(30-44 anos) e F3(acima de 44 anos) e obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 3. Realizações de *ter* e *haver* na variável faixa etária.

	F1 (15-29 anos)		F2 (30-44 anos)		F3 (acima de 44 anos)	
	Aplic.	Total %	Aplic.	Total %	Aplic.	Total %
Ter	84	86 98%	62	73 85%	77	96 80%
Haver	2	86 2%	11	73 15%	19	96 20%

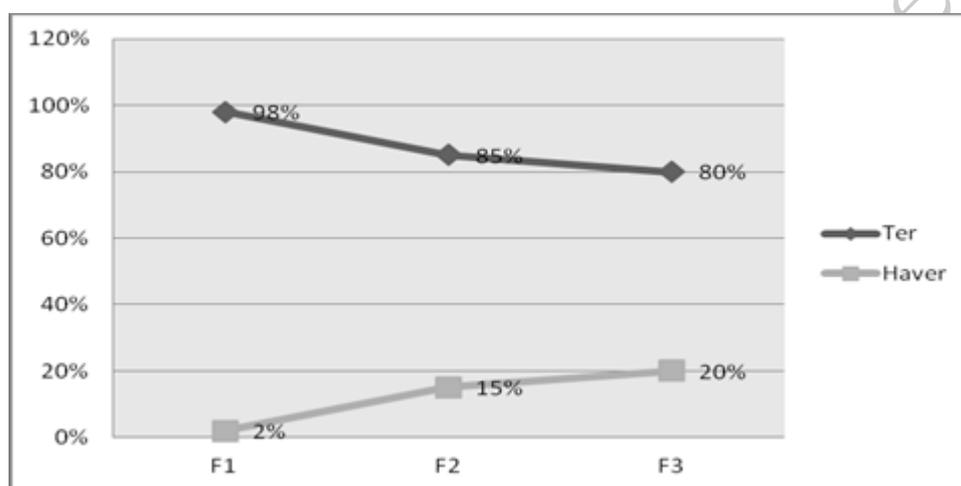


Gráfico 4. Percentuais de *ter* e *haver* na variável faixa etária.

Esses dados mostram, claramente, não só que *ter* é a forma verbal preferida em todas as faixas etárias analisadas, atingindo, entre os falantes mais jovens – F1, um percentual de 98%, como também que, com o aumento da faixa etária dos falantes, há uma redução no uso de construções existenciais com *ter*, o que nos fornece uma representação gráfica de mudança em progresso (Cf. LABOV, 2008[1972]). Quanto ao uso de *haver*, obtivemos percentuais de 15% na F2 e 20% na F3, mostrando, assim, que são os falantes dessas faixas etárias os responsáveis pelas poucas realizações dessas construções na fala culta alagoana.

#### 4.3 As sentenças com *ter pessoal*

O que verificamos na análise das realizações de *ter* e *haver* em construções existenciais é que, apesar de *haver*, na escrita, ser a variante de prestígio, embora não haja qualquer estigma para o uso de *ter* na fala, *ter* é o verbo existencial preferido na fala, passando *haver* a figurar com índices muito próximos dos verbos existenciais substantivos, como é o caso de *existir*,

*acontecer, ocorre, etc.*, e essa preferência por *ter* tende a favorecer a implementação de construções existenciais com o verbo *ter pessoal*, como observamos em (15) e (16).

(15) por isso eu digo – **você** não *tem* profissionais pra isso (L47L1781)

(16) em Maceió o que **eu** *tenho* é uma área voltada ao turismo pouco industrializada /mais, mas/ eu digo é uma cidade em crescimento (L30L1205)

Essas construções representam o que Duarte (2003) chama de efeito “colateral” da mudança, ou seja, com a perda do Princípio Evite Pronome (DUARTE, 1995), o português brasileiro vem apresentando comportamentos mais alinhados com as línguas de sujeito não nulo, como o inglês e o francês, mostrando não só a realização dos sujeitos de referência definida e arbitrária, mas também caminhando para o preenchimento dos sujeitos não-referenciais/não-argumentais, constituindo, assim, uma etapa natural do processo de mudança.

Seguindo a proposta de Avelar e Callou (2011), a emergência dessas construções pode ser entendida como uma tendência do português brasileiro para preencher a posição de sujeito tanto por elementos argumentais quanto não-argumentais – condição anti-V1 (Cf. KATO; DUARTE, 2003), o que também tem contribuído para a supressão de *haver existencial*, tendo em vista que esse verbo, apesar de dispor de uma posição estrutural para a realização de um sujeito gramatical – *pro-expletivo*, não aceita a realização de elementos lexicais em tal posição, diferentemente de *ter*, como podemos observar nas construções (17) e (18).

(17) de um lado **você** *tem* regiões muito ricas como a Ponta Verde o Farol o Aldebaran é:: alguns conjuntos na Serraria [...] (L58L2343).

(18) \* de um lado **você** *há* regiões muito ricas como a Ponta Verde o Farol o Aldebaran é:: alguns conjuntos na Serraria [...] (L58L2343).

Em relação às realizações dessas construções no português brasileiro, Duarte (2003) apresenta percentuais significativos – 18% na amostra de 80 e 37% na amostra de 2000, mostrando que, de uma década para a outra, não só há um aumento no percentual desses elementos, como também aumentam os tipos de pronomes utilizados nessas construções, a saber, na amostra de 80, só havia realizações de *você* e *a gente*, mas, na amostra de 2000, há realizações dos pronomes *você, a gente, eu, nós, ele/ela* e *se*.

Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), na seção sobre as construções existenciais com *ter/haver*, pontuam dois aspectos relevantes sobre essas construções no português brasileiro, a saber, a substituição de *haver* por *ter* no português brasileiro falado e a implementação de

sentenças pessoais com *ter*. Com relação às sentenças com *ter pessoal*, as autoras atribuem sua implementação à preferência por *ter* sobre *haver* e mostram que os pronomes utilizados nessas construções são os mesmos que aparecem representando o sujeito indeterminado, predominando o uso de *ocê*, *nós*, *a gente* e *eu*.

Com base nesses estudos, à parte da análise feita com as construções impessoais com *ter* e *haver*, computamos 126 construções existenciais com *ter pessoal*, das quais 76 ocorreram na língua falada e 50 na língua escrita, apresentando, respectivamente, percentuais, de 60% e 40%, conforme podemos observar no gráfico 5. Esses dados mostram claramente que há uma tendência à realização de construções existenciais com *ter pessoal*.

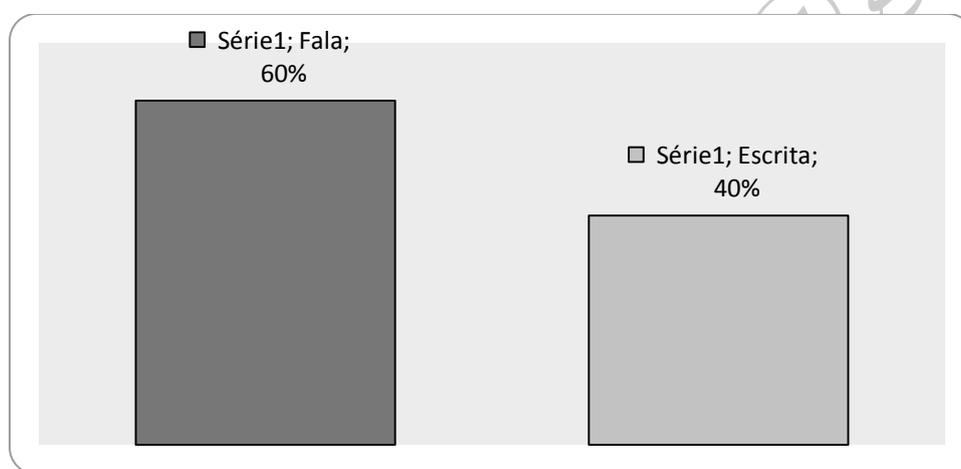


Gráfico 5. Percentuais de *ter pessoal* na fala e na escrita.

Quanto aos tipos de pronomes utilizados nessas construções, verificamos, conforme o gráfico 6, que, na língua falada, há as realizações dos pronomes *ocê*, *a gente*, *eu*, *nós*, *se* e *ele/ela*, o que indica que a fala culta alagoana reorganiza as construções existenciais lançando mão de uma série de pronomes para ocupar a posição de sujeito, conforme pontuam Duarte (2003) e Berlinck, Duarte e Oliveira (2009). Na língua escrita, por sua vez, devido à pressão normativa, verificamos, conforme o gráfico 7, apenas as realizações dos pronomes *se* e *nós*, o que tende a mostrar que os pronomes utilizados nas construções existenciais com *ter* são os mesmos que aparecem representando o sujeito indeterminado.

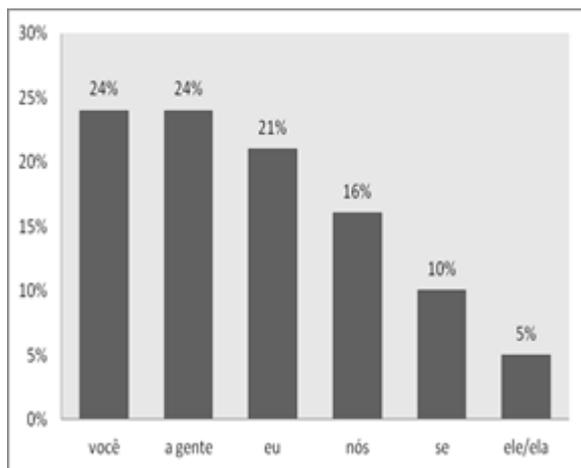


Gráfico 6. DPs pronominais na língua falada.

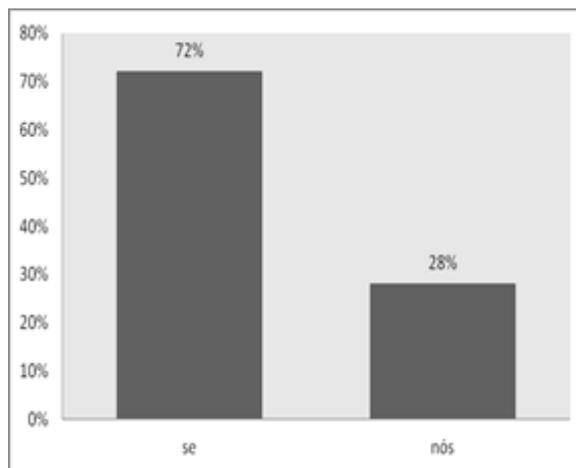


Gráfico 7. DPs pronominais na língua escrita.

Avelar (2009) argumenta que o uso de *você* em sentenças existenciais formadas com o verbo *ter*, como observamos em (19), corresponde a um pronome indeterminado, idêntico ao pronome que aparece em sentenças não existenciais, como (20), porém, na sentença existencial, não há uma relação temática entre o verbo existencial e o pronome.<sup>1</sup> Se considerarmos, em nossa análise, que tais DPs são, de fato, indeterminados, podemos argumentar que o uso desses elementos, tanto na fala quanto na escrita, se comportam da mesma maneira que as estratégias de indeterminação do argumento externo no português brasileiro, conforme Cavalcante (1999), Duarte (2007), Rumeu (2011) e Vargas (2012).

(19) (*Você*) tinha poucos computadores na década de sessenta.

(20) *Você* pode encontrar roupas bem baratinhas no centro.

(AVELAR, 2009, p. 2)

A análise de Duarte (2007) mostra que o clítico indefinido *se* está praticamente ausente na língua falada, que prefere as formas nominativas *você* e *a gente* para a indeterminação do argumento externo. No entanto, a escrita padrão jornalística apresenta um surpreendente uso de *se* e *nós* (este preferencialmente nulo), que chegam, respectivamente, a alcançar índices de 36% e 45% *versus* 8% e 2% na fala culta carioca, mostrando que a escrita consegue recuperar duas formas praticamente ausentes da fala, uma das quais identificada por flexão, uma propriedade já perdida pelo português brasileiro.

<sup>1</sup> Segundo a proposta de Avelar (2009), *você*, em construções existenciais com o verbo *ter*, não é gerado diretamente na posição de [Spec, TP], mas em uma posição temática dentro do predicado locativo, que é parte da coda das construções existenciais.

De acordo com o gráfico 6, observamos que, na fala culta alagoana, os pronomes *você* e *a gente*, como (21) e (22), apresentam percentuais de 24%. Em seguida, temos a realização do pronome *eu*, como observamos em (23), com um percentual de 21%. O pronome *nós*, como observamos em (24), apresenta um percentual de 16%, seguido do pronome *se*, com um percentual de 10%, como observamos em (25), e, por fim, temos as realizações dos pronomes *ele/ela*, como observamos em (26), com um percentual de 5%.

- (21) eu acho que pra que **você** *tenha* um povo civilizado um povo que tenha mais amor pela sua cidade né? – no crescimento dela eu acho que você precisa de educação você precisa de saúde [...] (L7L461)  
 (22) **a gente** num *tem* um policiamento aqui (L14L96)  
 (23) **eu** *tinha* uma indústria de óleo que era pra ser implantada aqui em Alagoas (L47L1773)  
 (24) o que **nós** não *temos* no estado é um padrinho político (L31L1349)  
 (25) não **se** *tem* um trabalho assistencialista em Alagoas (L67L2556)  
 (26) na minha opinião o DETRAN tá retraindo antes **ele** *tinha* vários pontos na própria capital para dar atendimento (L55L2110)

Na escrita acadêmica, conforme podemos observar no gráfico 7, o pronome *se* apresenta um percentual de 72%, como observamos em (27). Um fato a destacar no uso desse pronome é que, dependendo da composição de sentido determinado pelos termos da sentença, a expressão de existência pode ser estabelecida tanto com SE+TER, como (28) e (29), quanto por TER+SE, como (30) e (31).<sup>2</sup> O pronome *nós*, que ocorre quase categoricamente nulo, apresenta, por sua vez, um percentual de 28%, como observamos em (32) e (33).

- (27) Essas gerações eram muito melhores do que a de hoje, como gente melhor do que **se** *tem* hoje. (2PGM)  
 (28) Grandes questionamentos surgem, quando **se** *tem* como tema a cultura. (5PGM)  
 (29) Para que **se** *tenha* uma eficiência ideal em uma CSNS seria necessário minimizar as perdas por recomposição [...]. (3PGM)  
 (30) *Têm-se* dois estágios de deterioração da estrutura, o primeiro estágio de iniciação corresponde ao período de tempo que leva para o agente agressor atingir armadura, é a vida útil de projeto. O segundo estágio de propagação corresponde [...]. (1PGF)  
 (31) No gráfico 8, *tem-se* uma referência quanto à relação água/cimento que poderá

<sup>2</sup> Saraiva (2013) argumenta que a construção *tem-se* no português brasileiro, como *Tem-se, tão somente, uma relação semântica*, está passando por um processo de gramaticalização, em que a forma verbal *tem* se cristaliza com o clítico *se* em uma construção semelhante a construções com *se* em construções de indeterminação do sujeito, podendo, assim, ocorrer em contextos em que também ocorre o verbo *haver* em construções existenciais.

embasar as especificações do projetista [...]. (1PGF)

(32) Em 1963 *temos* a edição do Estatuto do Trabalhador Rural e em 1964 a promulgação do Estatuto da Terra, no primeiro governo do regime militar. (1PGM)

(33) Na figura 5 *temos* o perfil característico do crescimento de um microorganismo unicelular. (3PGF)

Esses dados confirmam a tendência, do português brasileiro, à realização de construções existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*, mostrando que esses pronomes constituem uma importante estratégia para o preenchimento de sujeito nessas construções. Levando em consideração o conjunto mais amplo de mudanças relativas à posição de sujeito por que vem passando o português brasileiro, podemos argumentar, conforme Avelar e Callou (2011), que o uso dessas construções está relacionado ao fato de que, no português brasileiro, há uma tendência a inserir elementos tanto argumentais quanto não-argumentais na posição de sujeito gramatical, evitando, assim, que o verbo ocorra em posição inicial da sentença.

## 5. Conclusão

Tendo em vista as mudanças por que tem passado o português brasileiro no que se refere à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, destacamos, neste estudo, que um dos efeitos colaterais dessa mudança é a implementação do verbo *ter* possessivo em contextos existenciais, o que tem gerado uma preferência por *ter* sobre *haver* e *existir* e essa preferência tem favorecido a implementação de construções existenciais com *ter pessoal*.

Em nossa análise, confirmamos que, na fala culta alagoana, *ter* é o verbo existencial canônico e essa preferência favorece a implementação de *ter pessoal*. Na escrita acadêmica, a quase não realização de *ter* está associada ao fato de que há uma tendência, nos manuais normativos, a condenar tal uso, mostrando que a recuperação/manutenção de *haver* na escrita é, sem dúvida, fruto do processo de escolarização. No entanto, o indivíduo culto não leva para a sua fala essa variante recuperada, exceto em contextos bem restritos. O uso de *ter pessoal* não sofre tal condenação, o que justificaria a realização dessas construções na escrita.

Nossos dados sinalizam que a escrita sofre forte influência do trabalho escolar, uma vez que as variantes de menor frequência na fala – *haver existencial* e os pronomes *nós* e *se* em construções existenciais com *ter pessoal* – passam a ser as formas preferidas na escrita, excluindo quase categoricamente as formas selecionadas na fala culta. Outro ponto a destacar é que, na escrita, o uso de *ter pessoal* na primeira pessoal do plural se dá com o pronome preferencialmente nulo, contrariando também a tendência da fala ao pronome expresso.

## Referências

AVELAR, J. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74, 2006a.

\_\_\_\_\_. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, 4, p. 99-144, 2006b.

\_\_\_\_\_. The status of the (supposed) expletive in brazilian portuguese existential clauses. In: Danièle Tork; Leo Wetzels. (Org.). **Romance Languages and Linguistic Theory**. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

AVELAR, J.; CALLOU, D. Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro. In: CASTILHO, A. et al. (Org.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Editora Pontes, 2007, p. 375-402.

\_\_\_\_\_. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). **Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2011, p. 287-299.

BERLINCK, R.; DUARTE, E.; OLIVEIRA, M. Predicação. KATO, M.; NASCIMENTO, M. **Gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 9, 2000. p. 85-100.

CALLOU, D.; DUARTE, E. **A fixação do verbo *ter* em contextos existenciais**. Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2005.

CAVALCANTE, S. **A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 1999.

CHOMSKY, N. Chomsky, N. 1995. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press.

COELHO, I. **A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica**. Tese de Doutorado. UFSC, 2000.

DUARTE, E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. **A perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado. IEL-UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. São Paulo: 7 Letras, 2003, p. 123-131.

\_\_\_\_\_. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 89-115, junho 2007.

\_\_\_\_\_. O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas. **Revista do Gel**, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 9-30, 2008.

DUTRA, C. **Ter e haver na norma culta de Salvador**. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2000.

KATO, M. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M.; KOLLER, E. TEXEIRA, J., LEMOS, A. (Orgs.). **Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga, CEHUM (U. do Minho), 2005.

KATO, M.; DUARTE, E. **Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese**. Comunicação apresentada no NWAV32, realizado na Universidade da Pensilvânia, em outubro de 2003.

MARINS, J. **As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das sentenças existenciais com *ter* e *haver* no PB e no PE**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2013.

MARTINS, L.; CALLOU, D. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções *ter/haver* existenciais. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5, 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba: 2003, p. 820-825.

RUMEU, M. Estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em jornais portugueses e brasileiros. **Veredas on line** – atemática, p. 49-65, 1/2011.

SARAIVA, E. **A construção TEM-SE no português brasileiro escrito: uma análise sociofuncionalista**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2013.

SILVA, R. **Variação *ter/haver* na fala pessoense**. Dissertação de Mestrado. UFPB, 2001.

SPANO, M. **A ordem V SN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2002.

TARALLO, F.; KATO, M. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística. **Predição**, n. 6, p. 1-41, 1989.

VARGAS, A. A evolução na representação das estratégias pronominais de indeterminação. In: DUARTE, E. (Org.). **O sujeito em peças de teatro (1933-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola, 2012.

VITÓRIO, E. Um estudo sobre a variação *ter* e *haver* existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. **Revista Eletrônica Via Litterae**, Anápolis, v. 2, n. 1, p. 75-87, jan. / jun. 2010.

\_\_\_\_\_. A alternância de ter/haver existenciais na fala maceioense. **Interdisciplinar – Revista de Estudos de Língua e Literatura**. Ano VI, V. 14, p. 77-85, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?** Tese de Doutorado. PPGLL/UFAL, 2012a.

\_\_\_\_\_. A alternância dos verbos ter e haver em construções existenciais na escrita jornalística. In: SINIEL, 2012b, Recife. **Anais**. Recife: 2012b, p. 434-450.

Artigo recebido em: 21.07.2013

Artigo aprovado em: 13.09.2013

Domínios de Língua@gem